

Como anda a pesquisa em neurociência no Brasil?

Carlos R. M. Rieder

Universidade Federal Ciências de Saúde de Porto Alegre (UFCSPA)
Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA)

A pesquisa em neurociência surgiu com o objetivo de esclarecer os mecanismos das doenças neurológicas e mentais por meio do estudo do sistema nervoso normal e alterado. Nesta esfera, ela foi uma ciência inicialmente ligada à área biológica. Atualmente, neurociência é considerada uma ciência multi- e interdisciplinar com atuação em várias áreas, tais como educação, ciência da computação, engenharia, antropologia e filosofia. No escopo da pesquisa, a neurociência inclui diferentes abordagens que estudam os aspectos moleculares, celulares, de desenvolvimento, estruturais, funcionais, evolutivos e médicos do sistema nervoso. As inovações tecnológicas na neurociência não ficam restritas à neurologia, psiquiatria ou saúde humana, trazendo benefícios em várias esferas tais como sociais, educacionais, morais e econômicas.

Impulsionada por todos estes fatores, a área de neurociência vivencia mundialmente um crescimento vertiginoso nos últimos anos. Dentro deste contexto, algumas perguntas relacionadas à neurociência no Brasil são levantadas. Qual o estado da neurociência no Brasil? Qual o desempenho da produção acadêmica na neurociência no Brasil? Para contribuir com estes esclarecimentos, Guimarães, Monteiro-Junior e Deslandes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, compararam a produção acadêmica da neurociência no Brasil com outros países da América Latina nos últimos 16 anos¹. Neste estudo, os autores realizaram um levantamento de dados no *SCImago Journal and Country Rank* sobre a produção científica dos 20 países pertencentes à América Latina entre os anos de 1996 e 2011. Os resultados foram comparados através de análises estatísticas e trazem boas notícias para comunidade brasileira. O Brasil foi o país da América Latina com a maior produção anual em neurociência. Diferiu significativamente em relação a todos os demais países, sendo seguido do México e da Argentina. Quando comparado com outros países emergentes, o Brasil não

diferiu de forma significativa com a produção científica da China e Índia.

A influência de fatores econômicos nestes resultados é evidente, uma vez que as três nações mais ricas da América Latina são as três maiores produtoras de neurociência dos últimos 15 anos. Outros fatores relacionados com este bom desempenho da produção científica brasileira não foram analisados mas provavelmente estejam relacionados com o fortalecimento dos programas de pós-graduação e de iniciação científica, a formação de grupos de pesquisa, as cooperações internacionais e o incentivo dos órgãos de fomento à pesquisa.

Apesar da importância do presente trabalho para auxiliar no diagnóstico do estado da neurociência no Brasil, algumas perguntas ainda permanecem em aberto. Qual a real abrangência da neurociência brasileira? O que é preciso ainda ser feito para avançar? Guimarães, Monteiro-Junior e Deslandes compararam a produção acadêmica numérica em relação aos demais países da América Latina. É importante termos consciência que número de publicações é apenas um indicador. O quesito qualidade deve ser também avaliado. Neste sentido, o medido pela porcentagem de citações - quantidade de artigos citados em outras publicações poderia ser uma medida mais relevante.

A produção acadêmica, para atingir seus objetivos finais, deve ser convertida em tecnologia que impactem na melhoria de vida do indivíduo e no desenvolvimento da sociedade. Esperamos que todo esforço desenvolvido pela comunidade de neurocientistas brasileiros venha contribuir para tal.

REFERÊNCIAS

1. Guimarães TT, Monteiro-Junior RS, Deslandes AC. A evolução da neurociência no Brasil: uma comparação com os países da América Latina nos últimos 16 anos. *Rev Neurocienc* 2014;22:359-64. <http://dx.doi.org/10.4181/RNC.2014.22.03.939.6p>